

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	20.º Anno — XX Volume — N.º 677	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	38800	18900	6950	8120	20 DE OUTUBRO DE 1897	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Cactano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	48000	25000	8500	8500		
Extrang. (união geral dos correios)	56000	28500	9500	9500		



CHRONICA OCCIDENTAL

Depois de uma semana de viagem, a que pôde chamar-se triumphal, voltou El-Rei aos paços de Cascaes.

Apesar da manhã chuvosa, porque o tempo não é de etiquetas, era grande a multidão que esperava no Terreiro do Paço os regios viajantes.

Gratissimas recordações devem elles trazer d'essas bellissimas terras, que em poucos dias percorreram, de comboio, embarcados, de carruagem, a cavallo.

E por toda a parte as mesmas festas, egual sempre o entusiasmo. Em todas as terras repetiam-se as mesmas aclamações, e aos vivas officiaes dos presidentes das camaras misturavam se com espontaneidade os vivas sinceros e alegres dos operarios e dos camponzes.

Desde a chegada do comboio expresso a Messines não viram Suas Majestades senão flores, arcos de triumpho, olhos curiosos em rostos risonhos.

Deslumbrantes foram todas as illuminações em todos os portos de mar.

Em Faro, capital do Algarve, começaram as festas que continuaram sempre, por Tavira, Villa Real, Pomarão, Mina de S. Domingos, Lagos, Villa Nova, Monchique e Silves.

Um céu esplendido, durante toda a viagem, esse bellissimo céu do Algarve, tão manso, tão luminoso, que tão suavemente illumina os palacios velhos de Faro, de linhas tão artisticas, as velhas egrejas, a Sé, S. Francisco, a Misericordia, os pedaços do castello arruinado, os velhos arcos de entrada na antiga cidade.

E o mar espraia até muito longe, e, lá no fim, isolado, ergue-se melancolicamente o farol do cabo de Santa Maria.

Faro é uma cidade encantadora pelos seus monumentos, pelos seus arredores, pela doçura do seu clima.

A estrada que segue para Olhão e Tavira até Villa Real de Santo Antonio, a florescente villa pombalina, corta uma das regiões mais ferteis e melhor cultivadas de Portugal.

Rainha da paizagem a figueira.

Em Villa Real embarcou El-Rei, seguindo Guadiana acima até ao Pomarão, onde um comboio o esperava, que o conduziu até á mina de S. Domingos, no concelho de Mertola.

A recepção que ahí lhe fizeram os operarios, que passam os dias a excavar o opulento mineiro, não foi inferior em entusiasmo á que lhe fôra feita nas terras anteriormente percorridas.

A região atravessada pelo comboio é montanhosa e arida, em tudo differente d'aquelle opulento littoral do Algarve.

Seguiram Suas Majestades embarcados de Villa Real até Lagos, a velhissima cidade algarvia, a mais importante da provincia depois de Faro.

N'esta cidade procedeu-se á cerimonia do lançamento da primeira pedra do paredão, obra importantissima para o desenvolvimento d'aquella terra, que brevemente deverá estar ligada com o resto da provincia pelo caminho de ferro prometido.

Os arredores de Lagos são riquissimos em figos e em toda a qualidade de fructa.

No mesmo dia, pelas seis horas da tarde, chegou El-Rei a Villa Nova de Portimão, cujas illuminações eram deslumbrantissimas.

Villa Nova progride a olhos vista. É das mais lindas terras do Algarve e das melhor dotadas pela natureza. O seu porto é dos mais importantes de Portugal. O rio de Silves depois de juntar-se ao Odelouca forma uma extensa bahia abrigada dos ventos. Uma larga ponte une as duas margens e sobre ella passa a estrada que liga a villa com a Lagôa, Ferragudo e Silves.

É em Villa Nova de Portimão que embarca a maior parte do figo produzido n'aquella extensissima região que vai desde o mar até aos primeiros contrafortes da serra.

Nos dias claros ella lá está, azul intenso no brando azul do céu, fechando o horizonte pelo lado do norte, com os seus altos cumes symetricos

A vegetação vai mudando com a natureza do terreno.

Acabaram-se as figueiras, as amendoeiras, as vinhas, as alfarrobeiras. Começam os sobreiros, os soutos de castanheiros.

São, ha muito, celebres as Caldas de Monchique, exploradas desde o tempo dos romanos e onde procurou alivios a doença El-Rei D. João II, que veio a fallecer pouco depois em Alvor, onde fôra tomar banhos do mar.

O actual adjudicatario do estabelecimento balnear é o sr. dr. João Bentes Castello Branco, que lhe accrescentou o sanatorio Kneipp, que este anno funcionou pela primeira vez.

As aguas de Monchique são deliciosas e ali vão buscal-as de muitas leguas em redondo grande numero de povoações menos bem dotadas.

Mais uma legua de violenta ladeira e apparece na serra a villa de Monchique a que, de ha muito, chamam a Cintra do Algarve.

Vegetação opulentissima. Paizagem da maior majestade.

A Foia, a que Suas Majestades subiram, é a montanha culminante da serra. D'ella se vê quasi todo o Algarve e grande porção do Alemtejo.

Sua Majestade a Rainha, trajando um singelo vestido de amazona, seguiu adeante da comitiva, sem receio da aspreza do caminho, que se pèa pela montanha entre taludes quasi a prumo.



Joaquim Espiridão Navegante Silva

De volta a Villa Nova de Portimão, dormiram Suas Magestades, a bordo do hiate Amelia.

No dia seguinte partiram para Messines, tendo parado em Silves, a velha cidade mourisca, tão cheia de recordações, que ainda ás vezes nos parece que n'aquellas barcas que vêm singrando pelo rio se deve ouvir o canto arrastado d'algum moiro macilento, príncipe que, palmo a palmo, foi vendo perder-se a sua riquíssima conquista.

Foi o sr. Conde de Silves quem teve a honra de receber Suas Magestades.

El-Rei commovido pelas provas de estima recebidas durante a sua longa, mas rápida, viagem, ergueu a taça de champagne e, em breves palavras commovidas, disse que jamais esqueceria os dias passados n'aquella provincia, onde todos o haviam recebido tão carinhosamente. Brindou pela prosperidade do Algarve.

El-Rei, que deve ter a memoria do coração, de certo não esquecerá as promessas feitas.

Voltou El-Rei e voltou o inverno.

Já não foi sem tempo. Prolongava-se o calor e todos se queixavam, dando o anachronismo logar á banalissima conversação da maior parte.

Muita gente vem retirando para Lisboa, cujos theatros foram abrindo. Apenas o de S. Carlos se conserva fechado.

No theatro D. Amelia temos novamente companhia de zarzuela. O de D. Maria abriu com o *Regente* de Marcellino de Mesquita; o da Rua dos Condes com o *Reino da Bolha* de Eduardo Schwalbach.

O theatro da Trindade, de cuja companhia fazem parte alguns artistas que durante muitos annos representaram no normal, inaugurou a sua epoca de inverno com a representação do drama de Suderman, *A Honra*, traducção de Maximiliano de Azevedo.

A todos desejamos de coração um anno feliz e que os circos lhes não façam mal, que esses, com um *libera nos, Domine*, vão agora tomar parte nas ladainhas de todos os empresarios theatraes.

Entretanto a grande animação ainda é nas praias onde se toma banhos, se dança e se joga desenfreadamente.

A sociedade elegante ainda não voltou á capital e os chronistas das praias continuam a encher todas as noites quantas tiras de papel encontram na frente.

Bailes, festas, passeios, regatas não teem faltado.

Assim iremos até ao fim do mez. Só quando as arvores da Avenida estiverem de todo desfolhadas, começarão aquelles passeios a animar-se, apparecerão com as verdadeiras elegantes as ultimas modas do inverno.

Em S. José de Riba-mar, na capella do sr. Polycarpo Anjos celebrou-se o casamento da sr.^a D. Celeste Anjos Jardim, filha do sr. Conde de Valenças com seu primo o sr. Fernando Munró Anjos.

Foram madrinhas da noiva, sua irmã sr.^a D. Rachel de Castro (Nova Goa) e sua avó, sr.^a Viscondessa de Monte-São, e padrinhos o avô do noivo, sr. Carlos Alexandre Munró, e o pae, sr. Polycarpo Anjos.

O director e proprietario d'esta revista, que tem pelo sr. Conde de Valenças altissimo respeito, como todos, e velha amizade, descreveu-nos commovido a impressão que recebera, quando, antes de celebrar-se a missa, o sr. Bispo de Bethsaida dirigiu aos noivos a sua allôcução. A egreja é um encanto e a luz coava-se suavissima pelas vidraças de cores. O órgão começou tocando e ainda aquellas palavras eloquentes, ha pouco ouvidas, moviam os corações.

A noiva é uma senhora formosissima e de esmerada educação. O noivo pertence a uma honrada e opulentissima familia, digna das sympathias que tem sabido conquistar.

Hão de ser felizes.

Bom é de quando em quando terminar a chronica por uma palavra luminosa.

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

JOAQUIM POSSIDONIO NARCISO DA SILVA

Quando, no dia 23 de março de 1896, falleceu em Campolide o distincto architecto, cuja memoria hoje relembramos, foi-nos impossivel obter

de momento os elementos necessarios, para a prestação d'esta ultima e devida homenagem. Porém, addiâmo-la logo que soubemos se tratava de realizar dentro em pouco uma sessão solemne no museu do Carmo, pertencente á Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, benemerita e illustrada corporação, que o extincto e venerando architecto sr. Possidonio da Silva havia fundado e á qual presidira por longos annos.

Então seria mais completa a nossa homenagem. Annunciava-se que o sr. visconde de Castilho, o illustre escriptor da *Lisboa Antiga*, se encarregara de fazer e pronunciar o elogio historico, assim como o pintor retratista sr. Antonio Felix da Costa estava acabando o retrato do fallecido.

Effectivamente, decorrido um anno, em 28 de março de 1897, teve logar a sessão solemne annunciada. Realisou-se ella com a mais edificante consagração, e o sr. visconde de Castilho proferiu o *Elogio historico do architecto Joaquim Possidonio da Silva*, que dois mezes depois, se imprimiu em luxuosa edição, sahida dos prelos da typographia da Academia Real das Sciencias e illustrada com o retrato do extincto, reproduzido pelo processo da photogravura a tres côres de Egreja & Almeida.

A tiragem do *Elogio* foi restricta a 800 exemplares numerados e rubricados com a indicação da pessoa ou bibliotheca a que foi offerecido.

Assim, recebemos ha tempo o n.^o 106 da luxuosa publicação, cuja offerta o OCCIDENTE se reservou para agradecer muito especialmente na mesma occasião em que archiva e na sua vastissima galeria de homens illustres o retrato do architecto Possidonio da Silva.

É hoje que o nosso periodico se desonera e se desempenha d'esse duplo dever quaõ justissima obrigação; e, publicando o retrato do saudoso fundador dos dois nobres institutos: Associação dos Archeologos e Albergue dos Invalidos do Trabalho, associa-se á magua profunda que entre os socios d'aquellas agremiações ainda existe, tão viva como na hora mais proxima da grande perda que soffreram.

Egualmente á illustre familia do infatigavel architecto que verdadeiramente o adorava, apresentamos na pessoa de seu extremo filho sr. Ernesto Silva a expressão do sentimento que assella estas linhas.

Sentiamo-nos muito tentados a transcrever do delicioso e commovente *Elogio* pelo sr. visconde de Castilho alguns trechos verdadeiramente suggestivos e enternecedores. Porém, isso seria fragmentar uma obra prima, quebrar um cordão de pérolas, as quaes, solta a primeira, se escapariam todas atraz umas das outras, exigindo-nos uma extensão que as columnas do nosso jornal não comportam.

Ainda no seu ultimo numero, o apreciado *Boletim da Real Associação dos Archeologos portuguezes* publicava a dedicatória que se escreveu no exemplar especial que, de aquelle *Elogio*, foi offerecido pela Real Associação ao sr. visconde de Castilho, em data de 18 de julho de 1897.

A biographia do sr. Possidonio da Silva está pois claramente esboçada, e para ella concorrem além do discurso a que nos referimos, alguns trabalhos dignos de nota. É superiormente escripta a biographia, que, acompanhada de notas sobre as variadas obras do chorado architecto, archeologo e escriptor, elaborou o sr. Costa Goodolphim, a qual se publicou em 1894. São interessantes e curiosas nas suas indicações as breves palavras que o erudito archeologo e nosso illustre collaborador sr. Gabriel Pereira inseriu no n.^o 6 do *Boletim da Real Associação, para memoria do architecto Possidonio da Silva*.

Permitta-nos o notavel investigador que d'esse artigo transcrevamos alguns periodos que synthetizam com verdade a vida do venerando artista, cuja memoriação nos honramos de aqui deixar.

«O sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva nasceu em Lisboa no dia 17 de maio de 1806. Falleceu na sua casa de Campolide, rodeado de sua familia, que o adorava, em 23 de março de 1896.

Foi seu pae Reynaldo José da Silva, mestre geral dos Paços Reaes, e sua mãe D. Maria Luiza Narcisca da Silva.

Sua familia emigrou para o Brazil em 1807, com a Casa Real. Em 1821 voltou a Lisboa, tendo recebido alguns ensinamentos no Rio de Janeiro. Era um rapaz gentil, applicado, de maneiras cortezes, preocupado já com as maravilhas da Arte. Chegando a Lisboa encetou logo estudos regulares sob a direcção do grandissimo e activissimo artista Domingos Antonio de Sequeira.

Nos annos seguintes recebeu tambem lições de Germano Xavier e de Sendim.

Mais tarde, em Paris, trabalhou com Carlos Perier, concluindo a sua educação em 1828, feitos os ultimos exames na Academia de Bellas Artes da capital franceza.

Não satisfeito ainda foi para a Italia; dois annos se demorou, principalmente em Roma, onde encontrou ainda o grande Sequeira.

Assim se formou a educação do architecto e archeologo, e do artista. Lidou com os grandes mestres de Portugal, França e Italia. Tomou parte em trabalhos serios no Palais Royal e nas Tulherias. Viu Sequeira, esse astro incomparavel na Arte Portugueza, a desenhar e a compor.

Entrando em Portugal com o imperador, passada a dolorosa crise da guerra civil, achou-se na lufa-lufa artistica da epoca. Teve de propôr e dirigir trabalhos na renovação de grandes edificios e palacios, na improvisação da sala do parlamento, em S. Bento, construcção provisoria que durou até ha pouco; na decoração e arranjo dos Paços Reaes.

Conhecia como architecto os primeiros edificios do paiz, porque os tinha estudado e medido, levantando plantas, alçados e côrtes, podendo ainda comparal-os com os congêneres culminantes que tinha visitado attentamente em França e Italia.

As *memorias* do architecto Possidonio da Silva, a datar de 1821, do ensino de Sequeira até nossos dias, seriam preciosas. Que pena esta de não tenderem os portuguezes eminentes a escrever *memorias* do que viram e ouviram.

Em 1863 fundou com alguns amigos a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

Para museu e séde da Associação escolheram estas venerandas ruínas do Carmo, monumento singularissimo, onde vive ainda a memoria do santo condestavel. A vasta nave, o cruzeiro, a capella-mór e as quatro capellas que a flanqueam, estavam então destinadas a depositos dos mais infimos. O primeiro trabalho foi remover o que o descuido, a ignorancia, a falta de respeito abiam deixado accumular depois dos grandes desastres que feriram a fundação de Nun'Alvares.

Pouco a pouco se foram reunindo aqui muitas peças de alto apreço archeologico e artistico. O fundador era infatigavel. Com certeza concorreu para salvar da ruina, da perda e do esquecimento muitas preciosidades.

O sr. Possidonio da Silva dedicou até á ultima hora os seus affectos á Real Associação. Pensava sempre no Carmo; sempre attendia da melhor vontade a quem lhe fallasse na sua instituição querida.

A idade avançada, os longos trabalhos, não impediam que viesse ás reuniões. E este um exemplo notavel de actividade, de crença, de fé. Todos gostavam de ver aquelle velho *querendo e esperando*, quando vemos tantos novos a desfallecer e descreer.

A sua ultima viagem a Paris, ás festas do centenário do Instituto de França, de que era membro associado, é prova bem frisante da sua força de vontade.

Pessoas de familia, os amigos, lhe fallavam da fadiga de tão longo trajecto, que lhe aggravaria os seus padecimentos; elle insistiu, *quã* despedir-se da brilhante capital, onde lhe haviam corrido alguns annos de mocidade em trabalhos gloriosos de arte e inspiração. Foi, soffreu muito, os seus males recrudesceram; mas depois, ao receber as suas visitas que o cumprimentavam pela feliz volta, no seu gabinete de trabalho, junto á janella grande aberta ao bello sol de Portugal, aquelle bom velho, de faces macilentas, animadas ainda de enthusiasmos, não fallava de dôres ou de incommodos, e só das magnificas impressões que sentira, das respeitosas benevolencias de que o tinham cercado.

Foi um homem forte e bom; no seu espirito nunca esmoreceram os santos amores da familia, da patria e da sciencia.»

NA IBERIA I

(OMMIADES)

II

Durante o largo periodo de dominação arabe na nossa peninsula, deparam-se alguns seculos de esplendor que cumpre não olvidar.

¹ Veja-se a pag. 211 do OCCIDENTE (n.^o de 30 de setembro).

Já vimos como os generaes do califa levaram a effeito depois da victoria de Guadalete a conquista da monarchia dos godos; os chefes, foram porém, succedendo no commando militar, as ambições produziram as naturaes e funestas consequencias que as acompanham, o respeito devido aos descendentes do propheta enfraqueceu pouco a pouco, e emfim, quando os abassidas desthronaram no Oriente a dynastia dos omniades, os arabes da Hespanha resolveram libertar-se do jugo, tornando-se independentes.

Ferina crueldade puzera termo em Damasco á preponderancia da familia omniade, cujos membros soffreram tratos horribes. Não foi todavia, tão completa a hecatombe que não lograsse escapar á morte uma vergontosa d'aquella raça.

Abderrhaman, neto d'um dos califas da dynastia extincta conseguiu furtar-se aos assassinos, e depois de varias delongas e peripecias encontrou acolhimento na tribu de Zeneta, na Mauritania. Os descontentes na peninsula hispanica celebraram por aquelle tempo, reunião magna, ficando assente que se deputassem delegados á Africa com o fim de convidarem o refugiado principe a vir assumir entre elles o poder suprême da realza.

Abderrhaman, recebeu-os em Tahar, e instruido por elles das circumstancias especiaes que se davam na terra hispanica, bem como das luctas em que teria de empenhar-se e de todas as difficuldades que lhe era forçoso vencer, respondeu comtudo, nos seguintes termos: «Nobres envia dos, demasiado me glorio da vossa escolha para não unir os meus destinos aos vossos. Sim, irei, combatarei convosco e serei o companheiro inseparavel da vossa fortuna. Não temo a adversidade nem as fadigas da guerra; tenho pouca idade, mas a desgraça muitas vezes me experimentou: encontrou-me sempre firme e cheio de coragem, e se o voto dos musulmanos da Hespanha é tal como vós o affirmaes, acceito reconhecido o posto honroso ao qual elles me chamam.»

Conhecida por este modo a determinação do moço proscripto, restava preparar-se o plano e designar o dia para o embarque respectivo.

Os zenetas assistiram com lagrimas de saudade á partida do que fóra seu hospede, e além de lhe fornecerem um corpo de 750 cavalleiros perfeitamente armados, prometteram-lhe maior auxilio.

Depois de viagem feliz, desembarcaram todos em Almunecar, a distancia d'umas 18 ou 20 leguas de Granada.

Avisado do que se passava, Yousouf, então emir da Hespanha, e de que echoava na Andalusia inteira o grito famoso: «Que Deus proteja Abderrhaman-ben-Moavia, rei de Hespanha!» tratou immediatamente de reunir tropas para impedir que este brado se convertesse n'uma realidade.

Elle e Samail travaram no anno de 756 a batalha decisiva de Muzara com o seu já famoso competidor, e embora empregassem todos os recursos que lhes suggeria o valor e procurassem transmittir ás forças do seu commando a mesma ardente coragem que os animava, nada d'isto foi bastante para obstar ao imperio do terror que se apouso dos soldados, dispersando-os. O primeiro importantissimo fructo colhido por Abderrhaman da sua victoria brilhante foi a submissão espontanea de Cordova.

Até ali houvéra na Iberia o jugo de conquistadores mahometanos, dependendo directamente na pessoa dos emires das instrucções ás vezes caprichosas dimanadas dos seus soberanos, residentes ao longe; agora, o triumpho de Muzara, acabava de consagrar um titulo novo, que importava n'uma desmembração objectiva e n'uma autonomia consummada.

Abderrhaman iniciou portanto na peninsula iberica a phase monarchica no estabelecimento dos arabes, revivendo no seu throno, n'esta parte extrema da Europa occidental a tradição dos omniades, seus ascendentes.

Apesar de christãos e orgulhosos das immortaes façanhas contra os sectarios de Mahomet, registadas nas paginas da historia patria e das quaes brotou originariamente a nacionalidade portugueza, não podemos retrahir-nos á confissão franca de que a familia soberana que teve como chefe o vencedor de Yousouf e Samail occupa logar grandioso no theatro politico da vida dos povos, e em especial, Abderrhaman 3.º e Muhamad, Al-Mansor attingiram na fama a estatura gigante dos vultos mais notaveis da humanidade.

Permaneceu no poder até ao anno de 1031, em que, havendo enfermado do mal irreparavel de degeneração, foi deposta na pessoa de Hixem 3.º, ante a attitudo ameaçadora da gentalha, referindo um historiador que um mancebo d'esta familia, pretendia ainda succeder ao decahido monarcha, retorquindo n'estes termos ás pessoas que

lhe ponderavam a impossibilidade de realizar semelhante projecto: «Elevae-me hoje ao throno, e que eu morra amanhã se tal é o meu destino: não me queixarei!»

Abderrhaman 1.º e alguns dos seus successores applicaram-se á obra da paz e do engrandecimento moral dos seus subditos, mais insistentemente do que ás empresas guerreiras.

Levantaram-se mesquitas admiraveis pelo requinte do trabalho architectonico e pela maravilha das riquezas accumuladas; construíram-se pontes solidas, bellos conductos que levaram agua a populações diferentes; cuidou-se da agricultura com verdadeiro affecto, conseguindo obter no solo da Hespanha productos orientaes, e, como se se tratasse de irmãos nas crenças, viram-se muitos christãos procurarem nas cidades dos arabes a cultura intellectual de que careciam.

Occupando-se da administração da justiça e da direcção de trabalhos metierias de grande utilidade, não desconheciam o merecimento dos bons livros, chegando a crear bibliothecas de milhares de volumes.

As suas escolas de medicina vinham pedir luzes, pessoas de regiões distantes e de outros cultos.

Abderrhaman 3.º deu hospitalidade em Cordova a Sancho o Gordo, que ahí recuperou a saude, e deveu mais tarde ao auxilio do exercito do seu magnanimo hospedeiro a nova posse do throno de que havia sido obrigado a descer.

Merecem ser meditadas as seguintes palavras dirigidas por Al-Hakkam a seu filho e successor: «Nunca faças a guerra sem necessidade; com a paz, tornarás feliz os teus povos. É uma gloria miseravel invadir provincias, assolar cidades, derramar a desolação e a morte. Que a ambição e o orgulho não te seduzam. Pela moderação e justiça serás feliz, e acabarás a tua carreira sem remorsos.»

Com este mesmo Al-Hakkam deu-se uma anedocta typica, sufficiente para deixar ver o seu caracter; e para lhe conservar todo o colorido vamos transcrever o caso engraçado na propria lingua de De Marlès, a quem serviu de fonte a obra de Conde bebida a seu turno nos auctores arabes: «On raconte de lui que, voulant ajouter un pavillon à ses jardins d'Azahra, il fit proposer au propriétaire d'un champ voisin de le lui vendre. Sur le refus de celui-ci, les agents du prince s'étaient emparés de force de ce champ, et le pavillon fut construit. Le propriétaire dépossédé s'alla plaindre au cadí de Cordoue. Abu Bécri ben Wéfid, l'un des wazirs du cadí, persuadé qu'il n'était pas plus permis au souverain qu'au dernier de ses sujets de s'approprier le bien d'autrui, se rendit sur-le-champ à Azahra, où le roi se trouvait; et s'avancant jusqu'au pavillon avec son monture et un sac vide, il s'approcha d'Alhakem, et lui demanda la permission de remplir de terre le sac qu'il portait. Le prince surpris la lui accorda. Quand le sac fut plein, le cadí pria le roi de lui aider à le placer sur sa monture. Alhakem voulut bien se prêter au désir du cadí, le regardant comme un badinage; mais le sac était si pesant qu'il put à peine le soulever: «Prince des fidèles, lui dit alors Abu Bécri d'un ton austère, ce sac que tu ne peux porter ne contient qu'une bien petite partie du champ que tu as usurpé; comment soutiendras-tu le poids de ce champ tout entier, lorsqu'il te faudra «comparaître devant le juge suprême?»

Accrescente o citado escriptor que o intelligente e recto Al-Hakkam comprehendendo o expediente finissimo do seu magistrado, acceitou a sublime lição, mandando restituir o terreno ao seu possuidor legitimo, e bem assim a construção já feita.

Em presença pois, de quanto deixamos dito é incontestavel que os Omniades da Hespanha imprimiram na historia um traço luminoso da sua passagem, ainda agora indelevel em monumentos deslumbrantes e até em ruinas sumptuosas.

D. Francisco de Noronha.

FORMOSURA PORTUGUEZA

Conto histórico do tempo dos francezes

(Continuado do numero anterior)

Coberto o esconderijo e cuidadosamente recompôsto o ladrilhamento da cosinha, formado de largas e pesadas louzas do granito da serra da Sabouga, fêz-se-lhe em cima uma enorme fogueira, cujo brazido e cinzas deram ás cizuras frêscas das juntas a velha apparencia anteriór.

Pelas exterioridades, ainda depois de tirado o borralho, ninguém poderia adivinhar a operação, que se fizera, muito a contento do dono da casa, o qual, sem perda de tempo e n'essa mesma noite, por horas mortas, acompanhado da familia e de um criado fiel, com duas bêstas bagageiras, jornadaou para as bandas da Cerdeira, d'onde era natural, no propósito de se guindar ás escabrosidades da serra da Estrêlla, se na sua propria terra não podesse socegar.

Em caminho, ao lembrar-se do seu tesouro, arrependeu-se de não têr trazido comsigo o pedreiro ocultador accusando-se intimamente de um proceder leviano.

— Agora, caluda, Antonio! Vê lá. Vê lá— disera elle ao obreiro, no fim do serviço.

— Nem falar n'isso é bom, patrão.

— Olha lá. Queres tu vir comnosco? Sim... parece que seria melhor.

— Nada, não, senhór. Eu cá não tenho mêdo.

— E porque, homem? porque?

— Porque, ó que dizem, os malditos dos francezes — Ma raios os partam! — o que querem é comêr e roubar, que são ladrões como ratos. Vae d'ahi, a gente da minha *ugalha* de coisa, que, sirva, pouco ou nada tem. As territas... elles. — Uma peste venha que os coma, nosso Senhór me perdoe... as territas não as levam ás costas; e vae então como não matam...

— Detraz de uma coisa poderá vir a outra, Antonio.

— Nada, meu amo. Já agora, como ó outro que diz... quem não tem mal não tem penas. Vossa Senhoria e outros fazem bem em se ausentar. Os demais...

E o pedreiro concluiu, dizendo que muitos do povo tinham resolvido não sair da terra, mêsmo porque as casas não deviam ficar de tódo sem ninguem, pois os negregados dos estrangeiros, de desesperados, bem podiam deitar fogo a tudo; e lá se ia o povoado com Belzebú.

O nosso visavó, talvez por um estranho presentimento, ao lembrar-se d'isto, começou a achar o obreiro demasiadamente corajoso, mas seguiu o seu caminho, aspirando sómente a collocar-se e á familia em plena segurança.

Conforme affirmara o pedreiro, a gente humilde deixára-se ficar em consideravel maioria, ao avistar a legião franceza, que descia em cardume pela encosta fronteira, uns peados de surpresa e outros realmente animados e receiosos de que a fuga completa desse azo a devastações.

A boca da noite, por imposição do aboletamento, os fornos e cosinhas da terra, em plena elaboração, reduziam a pão toda a farinha de trigo e milho, encontrada nos sarrões e taleigos.

Emquanto os rancheiros esquadrihavam adêgas e celeiros, apropriando-se do que lhes parecia, e a soldadesca insofrida, mal trajada e suja, era contida pelo estro piamento de tantas marchas forçadas, alguns officiaes, no louvavel costume de depredação, com que assolavam ou deixavam assolar, a peninsula despojando-a de numerosas riquezas, faziam abrir a egreja de S. Salvador, em busca dos vasos sagrados e alfaias de prata e ouro; e mandavam quebrar ao meio a pedra tumular de Matheus da Cunha, 6.º senhór de Pombeiro, lá sepultado, em jazigo especial, nos fins do século xvi, para o despojar dos enfeites, aderços e joias, com que era costume sepultar os fidalgos.¹

A profanação espoliadora realisara-se cabalmente, mas outro tanto não acontecera felizmente aos raros objectos do culto, que o prior da época, padre Osorio Pessoa, ao fugir, teve a patriótica idéa de occultar em sitio seguro, a 2 kilometros de distancia, na caverna escura de uma fraga, á borda do rio Alva.

Estes preciosos objectos, mandados á exposição de Arte Ornamental, ha annos, foram muito apreciados, merecendo o melhor d'elles, pelo valor estimativo e forma artistica um magnifico thuribulo gótico, as honras do desenho, concedidas sómente ao que lá se apresentou de raro e melhor.²

O pedreiro Antonio, interrogado pelo lingua dos francezes acerca do sacristão, que desaparecera de manhã, levando comsigo as chaves da egreja, prestara-se com outros a arrombar uma porta lateral para a entrada no templo pombeirense; e, depois do arrombamento do túmulo, seguiu com olhos cubiçosos toda a operação do latrocínio.

Alma vil e interesseira, incapaz da gratidão e

¹ Este túmulo figura em estampa e é descrito a pag. 69 do nosso livro *Pombeiro da Beira*, memória histórica descritiva e critica.

² Dado em estampa e descrito a pag. 74 do *Pombeiro da Beira*.

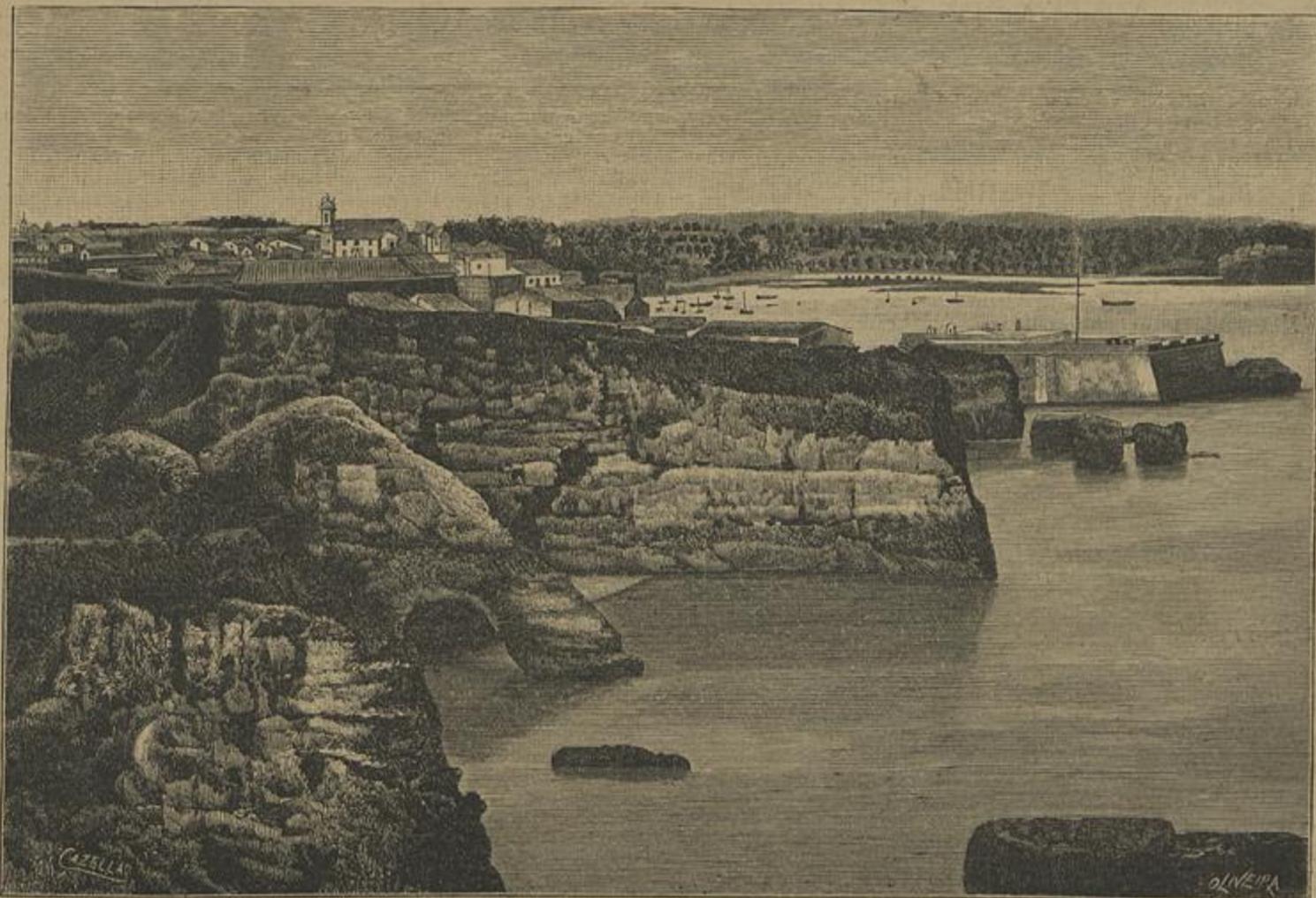
VISITA DE SUAS Magestades AO ALGARVE



FARO — A EGREJA DA SÉ — *Vid. Chronica Occidental*
(Cópia de photographia)



FARO — A PRAÇA DA RAINHA — *Vid. Chronica Occidental*
(Cópia de photographia)

LAGOS — VISTA DA CIDADE E ENTRADA DA BARRA — Vid. *Chronica Occidental*

(Cópia de photographia)

mênos da lealdade, tève por fim uma idéa satânica, que lhe lavrou rapidamente no cerebro.

Elle... Antonio estava senhor do segrêdo de um valioso tesouro, cuja denuncia lhe poderia valêr a independencia da sua vida, pôis os francezes pareciam boas pessoas, e com certêza lhe dariam por isso choruda espórtula.

A especialidade da situação tudo desculparia; os malditos dos homens tinham faro de cão raifeiro; penetrando em tôdas as casas, haviam entrado, como era natural, na de Corrêa de Araujo, e, ao examinar com atenção tôdos os cantos, depararam-se-lhes na cosinha uns restos de barro mole nas juntas de duas pedras, suspeiando dêsde logo que havia ali um esconderijo.

O pedreiro, que acudira, para vêr se a residencia de seu âmo era respeitada, fôra agarrado e ameaçado de morte, vendo se o desgraçado na triste necessidade de ajudar a descobrir as preciosidades escondidas, a cujo levantamento pretendeu obstar, luctando valentemente, e tanto que chegára a apoderar-se da espada de um dos officaes.

E apresentaria êsse testemunho autentico, pôis mais tarde se salvára, quando ia succumbir ao numero de inimigos, saltando para o quintal pela propria janella da cosinha. A narrativa não era mal engendada; e o vilão, falando por meias palavras ao lingua obtêve promessa fôrml dos officaes francezes de que, se o achado as compensasse, lhe dariam incoenta peças em bom ôiro, tiradas do próprio tesouro denunciado, por premio, e a espada, que devia figurar na historia.

Quando o nosso visavô se recolhêu a sua casa, e se achou perfidamente fite roubado, quiz no auge da sua mágua havêr ás mãos o pedreiro, de quem suspeiou immediatamente; mas o birbante espicaçado pela consciencia, e não ousando afrontar a indignação do âmo, mudara de terra, fugindo, á última hora, ao que se

dizia, com os francezes, em cuja companhia somente se julgara seguro.

A espada requerida, que êlle com efeito chegára a obtêr, fôi deixada, talvez por esquecimento, detraz de uma porta, e ali encontrada pelo nosso desditoso avoengo, que pouco sobreviveu ao desastre, que lhe levou o melhor dos seus havêres; o recheio da sua casa, um valôr extraordinariamente superior ao das suas propriedades ruraes, mais tarde tambem desbaratadas por herdeiros vorazes e desasistados.

Ainda conhecêmos n'essa casa, no tempo da nossa creancisse, alguns magnificos contadores e bufêtes e escabêllos, que os rebuscadôres assalariados de antiguidades preciosas compraram, ao desbarato, a gente cegamente boçal.

D'esses tempos e d'essa abastada casa, o autôr d'estas linhas possui apênas o grosseiro e pesado punho da espada, que devia servir á fraude do pedreiro, e está marcado com o nome, em letras invertidas, de *Boutet*, ao que parece, afamado fabricante da época.

MONCHIQUE — VISTA DA VILLA — Vid. *Chronica Occidental*

Como pertença de família, cujos restos de habitação também já hoje mal existem, pela ignorância, e mau gosto de uma parentela desleixada e brutal — representa esse objecto uma tristíssima tradição.

Como antigalha histórica, elle e o túmulo de Matheus da Cunha formam as duas coisas únicas que atestam a passagem dos francezes pela aldeia de Pombeiro.

IV

Passada a legião estrangeira á margem direita do rio Alva pela já dita ponte do Vale do Espinho, endireitou para a povoação d'este nome, onde se não detêve, torneou a encosta até meio da montanha, deixou o caminho da Urgueira, e tomou para a esquerda, na intenção, segundo o guia, de ir encontrar em S. Martinho da Cortiça a estrada principal, que a levasse a Coimbra.

Ao encarar o valeiro, que defronta com o lugarêjo do Vale do Matouco, o commandante mandou fazer alto, porque avistara, á esquerda, a alguns metros de distancia apenas, por entre carvalhos frondosos, uma aldeia, que, áquella hora, lhe serviria de grande utilidade.

Era a aldeia de Sabil.

Destacou alguma gente para cercar a povoação e evitar d'este modo a completa fuga dos moradores, que podiam prestar serviços, no que fosse preciso, fornecendo-lhe para o almoço da tropa, com vontade ou sem ella, agua potavel e alguns viveres.

A aldeia, pitorêscamente erguida na lombada do monte, que sobe das margens do rio, e poeticamente envolvida nas frondosas ramarias do velho arvoredo de carvalhos e castanheiros, por sua pequêna extensão, fôo facilmente cercada.

O capitão Juvat, que fôo o incumbido da diligencia, mandou guarnecer exteriormente os vicosos quinchôcos, que communicavam com a humilde casaria do lugar; e elle próprio tomou posição junto á cancela, que fechava um quintal, ficando-se a contemplar a rudêza característica do sitio.

Pelo que respeita aos moradores, os homens, saídos de manhã para os trabalhos do campo, estavam quasi todos ausentes; e as mulheres, espantadas de surpresa, formaram grande alarido, que o lingua tratava de apasiguar, encarecendo-lhes as intenções pacificas dos francezes.

O aparecimento do pedreiro acabou de incutir ânimo aos mais timoratos, mas não sem que algumas pessoas, e em especial a gente nova, procurassem fugir, como se fôram rézes perseguidas por lobos cervaes, saltando sebes e muros, precipitada e loucamente.

No momento, em que o capitão analisava, a pequêna distancia, as trazeiras de uma casa avarandada, com olhos de estudioso, sentiu uma pesada porta rangêr nos quicios, e viu sair por ella, com as feições transtornadas e os cabellos desgrenhados, alvoroçada, afflicta, uma rapariga de talhe esbelto, e corrêr na direcção da cancela, formada de ripas de castanho, por cujos interstícios presenciava a scena.

Para gosar certamente, que não por outra intenção, justiça seja feita aos seus sentimentos, para simplesmente tirar partido cómico da situação, ocultou-se rapidamente com a esquina da parêde, construida de ardósia endurecida, a que chamam lage; e, quando a foragida escancarava precipitadamente a cancela, para se escapar por ali, saltou-lhe á frente, e, abrindo os braços, recebeu n'elles o corpo ofegante da camponêza, que, terrivelmente surprehendida, não podera contêr o movimento impetuoso, que lhe acelerava a fuga, e a precipitou nos braços do francez.

A réz montesinha, ao apresentar a aproximação das feras, que lhe cercam o rebanho, procurando, por atalhos e desvios invios, furtar-se ao perigo, embora deixando entre sarcaes e silvêdos algumas particulas do seu corpo, ao sentir-se presa de repente, inesperadamente, nas garras do inimigo cruêto, deve, por instincto de conservação, por derradeiro recurso, deve formar o empuxão, relativamente violento, com que a rapariga, embora o susto lhe tomasse a fala, procurou libertar-se dos braços, que a cingiam.

Para quem conhece este genero de mulheres, sadias de corpo e de espirito, mais ou menos acostumadas a trabalhos violentos, a suportar fadigas e a fazer uso másculino das suas forças, facil será comprehendêr o esforço, que o moço official precisaria empregar, e a demora, que teria em cantar victória.

Este porém era moço e valente, e, por isso, fazendo cadêna vigorosa em roda do corpo da fugitiva, corpo admiravel de correctissimos contornos, sem pretendêr magoal-o, segurava-o forte-

mente, achando immensa graça na luta que se estabelecêra.

O capitão porém não podera ainda atentar no rosto da lutadora, embora o tentasse por vêzes.

A cativa, sufocada de ira e susto, é de crêr também que não tivesse tempo nem vontade de encarar bem o francez, que só se denunciava pelo fardamento, pois, por sabêr que era inutil falar, não pronunciara uma só palavra.

As forças no entanto iam-lhe diminuindo, verdade verdade; e ella, tentando um último esforço de animal bravo, quizêra levar as mãos aos cabellos do mancêbo, para se agarrar a elles, e até para lhe esgandahar a cara com as unhas.

Juvat, que deixara cair a barretina, no fervôr da luta, percebendo-lhe os movimentos, desdeu a cadêna, que formava com os braços, lançou-lhe as mãos repentinamente aos pulsos, e, sentindo-a já quebrantada, desviou-a um pouco de si, impellido-a brandamente, e desviando-se elle, por sua vez, para a vêr bem, para a contemplar, se tanto podesse.

— Socôrro, Mãe Santissima! — dizia a rapariga, já desalentada, deixando descair a cabeça, e, cerrando os olhos, para não vêr o malvado do estrangeiro — Socôrro, mãe do ceu!

— *Oh mon Dieu! Quelle jolie femme!* Ai, meu Deus! Que formosa mulher! — clamou o joven capitão, estupefacto, deslumbrado.

— Ai, senhor francez, não me mate! por piedade! não me mate — suplicou a desgraçada, ainda sem se atrevêr a abrir os olhos, como se adiante de si estivesse a voragem de um abismo inevitavel.

— *Mais... c'est une déesse, parbleu! Quelle femme! quelle femme!*

— Mas é que é uma divindade! Que mulher! que mulher! — tornou sincera e convictamente o estrangeiro, caindo de joelhos, mau grado seu, como se efectivamente o fizera diante da santa da sua maior devoção.

Filho nativo da poetica Bretanha, sedento de aventuras, impressionavel mas sempre cavalheiroso, elle, na travessia por Hespanha, onde uma tia sua era superiora de um convento, achara realmente exacta a apologia, que lhe haviam feito das mulheres hespanholas, mas nunca vira nem sonhara um rosto assim, sombreado de opulentos cabellos castanho-claros, mixto de madona e anjo, ondina do Alva e fada seductora das florestas verdejantes, visão de um conto de fadas, ente palpavel ou ficção divina, que lhe entrara inteiramente no coração, e lh'o avassalara, exclusiva e completamente.

E esqueceu-se da Bretanha e da intenção ferosa e engrandecedora, que o trouxera a Portugal; esqueceu-se da sua nacionalidade e dos seus brios de militar, e ficou-se de joelhos, a apertar nas suas as mãos d'aquella imagem fulgurante que no próprio quebrantamento de forças, de olhos cerrados e trémula, lhe oferecia novos encantos e excellentes, irresistiveis predicados de sedução.

E dizia-lhe ternuras, e falava-lhe arrebatadamente, chamando-a á vida, encorajando-a, oferecendo-lhe a sua alma e a ventura de toda a sua existencia.

E não era entendido!

— Deixe-me, senhor francez; si, não me mate. Por piedade lh'o peço. Não me mate, não me mate — clamava a desvairada, pela decima vez, já sem procurar resistir, sentindo-se desfalecêr.

Parecia-lhe que já tinha sobre o pescôço a lamina fria e cortante da espada do seu cruel vencedor.

Alguem lhe dissera que os francezes comiam gente viva. Imagine-se, no seu pensar, em que mãos de antropófago tinha caído a desventurada!

Ao sentir porém que o militar lhe abandonara os pulsos, para se lhe apoderar das mãos, que elle lhe apertava trémula e docemente; ao ouvir-lhe uma voz, que lhe pareceu sentida e maviosa, atreveu-se a abrir os olhos, e fixou-o por seu turno, embaraçada, estupefacta.

Aquêlle homem, que ella agora via bem, não apresentava um aspecto repelente, nem signaes de ferocidade; era, ao contrário um rapaz loiro, galhardo de feições e modos, e estava de joelhos... Mãe Santissima!... em postura de adoração... de joelhos!

Que quereria dizêr aquillo?

O moço official, tão garrido, tão... tão... bonito até... de joelhos diante d'ella, que nunca tal vira!

Tremeu toda, com um tremôr, que já lhe não parecia susto; e ficou-se enleada, confusa, tremendo, muito desconfiada, de olhos no chão.

Elle porém obrigou-a novamente a encarar-o, e falou-lhe com muita doçura, com mais doçura ainda, levou uma das mãos ao coração n'um

accionado dramático, que ella não sabia que se chamava assim, mas que ella comprehendeu muito melhor que as palavras apaixonadas.

Fugiria o homem, que tão de repente a agarra-

rara?

Não seria o mesmo?

E mais tranquilla, embora cercada de milhares de dúvidas, que a sua comprehensão não abrangia, começou a experimentar a reacção do abalo enorme, que sofrêra: invadiu-a uma comoção extraordinária, e desatou a chorar copiosamente, por entre soluços violentos e enternecedores, que ella, já com as mãos libertas, procurava abafar nas dobras do seu avelal garrido.

Entretanto Juvat deliberava rapidamente, convencido de que lhe seria impossivel abandonar aquella aparição celeste, formosa quando o susto a envolvia, formosissima agora que as lagrimas lhe aljofravam as faces, onde elle se quizera bebêr, uma por uma, com a sofreguidão e o êxtasi do extraordinário sentimento, em que todo se abrasava.

Tomando uma deliberação rápida, e por cautela assenhoreando-se novamente de uma das mãos da esbelta camponêza, soltou um assobio de um modo particular, sem dúvida um signal de chamamento, a que acudiu rapidamente um soldado dos que, a distancia, guarneciam o cêrco.

Era o camarada do capitão, rapaz espadado, rosto gordanchudo e bonacheirão, onde se espelhavam a lealdade e a dedicação.

— Prompto, meu capitão! — disse o militar n'um francez de Marselha, mal soante e pouco escoreito, perfilando-se, e fazendo a continencia.

— Traze-me aqui o lingua e já — ordenou-lhe o capitão.

— Já nós lá vamos! Andou depressa! — monologou o soldado comsigo, sorrindo maliciosamente, ao dar meia volta, com a máxima rapidêz.

Ao vêr os dois soldados, que não se demoraram em apparecêr, a rapariga voltou a assustar-se, e lembrou-se de tentar nova fuga.

Ao encontrar porém os olhos tranquilisadoras de Juvat, e sentindo nas suas a pressão das mãos do mancêbo, que lh'as levava á altura do peito, onde significativamente lh'as comprimiu, resolveu-se a esperar a sua sentença.

O lingua, habilitado pelas rápidas e concludentes instruções do official, acercou-se da prisioneira, e afirmou-lhe que ninguém lhe faria mal; ao contrário d'isso, aquêlle gentil mancêbo prometteria guardar-lhe um affectuoso respeito, como se ella fôra sua irmã.

— Então, se assim é, deixem-me voltar para casa, onde meus paes estão talvez bastante afflictos. Sim... então... deixem-me ir.

— Eso non — algarviava o lingua — esto senhora é una grande persona, e star mui gostosa de minina. Vae fica muita feliz, minina. Il est... si... querro dizerrê star paxonada. Va levarre minina.

— Que? que?

— Digo elo va levarre minina.

— Levar-me? e para onde? Levar-me!

— Parra sua casa delo.

Juvat, calculando o que o lingua estava a dizêr, fazia com a cabeça largos accionados de approvação, e, apesar da sua situação pouco disciplinadora diante de subalternos, lançava ternissimos olhares á sua gentilissima cativa.

— Mas isto não é bem feito, vá que não é — clamava ella — Eu não quero ir; deixem-me, deixem-me, e vão-se.

O lingua retorquiu-lhe que, por vontade ou sem ella, teria que acompanhal-os, e, mentindo desfaçadamente, asseverava que aquêlle senhor era um verdadeiro principe encantado, e que ella ia sêr uma princêza, possuidora de grande nomeada, servida por um cento de criados em palacio de pórfiro e ouro.

Luiza, que assim se chamava a rapariga, sentiu que a vista se lhe turvava, ao ouvir aquillo e ao lembrar-se que nos serôes da sua aldeia fôra acaalentada por histórias de moiras e principes encantados, e que sempre se ouvira repetir, aquellas encantadoras histórias, onde principes e reis chegavam por vêzes a casar com simples pastoras.

Não havia inverosimilhança no que lhe estava acontecendo?

Porque não seria aquêlle fôrmoso rapaz uma grande e misteriosa personagem, um poderoso senhor, que surgira de alguma das cavernas insondáveis dos visinhos fraguêdos do rio Alva, porque a viu, e a reconheçêra como a própria pessoa, que lhe havia de quebrar o encanto?

Por Deus ou por arte mágica tudo poderia sêr; lá isso podia.

Ir-se d'ali porém sem têr a certêza do que lhe

À SOLIDÃO

(VERSOS ORIGINALMENTE ESCRITOS EM CASTELHANO POR D. JOSÉ LAMARQUE DE NOVOA E AGORA TRADUZIDOS EM ITALIANO POR PROSPERO PERAGALLO)

À LA SOLEDAD

Virgen del bosque, Soledad preciosa,
Almo consuelo del que penas llora;
¡Cuánto mi pecho, que al dolor se abate,
Cuánto te adora!

Tú en los afanes de la triste vida
Brindas un punto venturosa calma;
Tú en el desierto del dolor humano
Eres la palma.

Tú al genio cercas de misterio en torno
Y alas le prestas para alzar el vuelo:
El ve á tu sombra de belleza un mundo,
Sueña en el Cielo.

¡Ay! ¡Cuántas veces con horrible angustia
Triste la frente á la aflicción doblaba,
Y en el misterio de tranquila noche
Yo te buscaba!

¡Cuántas en vano te llamé, anhelante,
Ora por dura ingratitud herido,
Ora la ausencia al lamentar por siempre
De un sér querido!

No en escondida, funeral caverna,
No en sirte oscura de lugar horrendo
Ni entre arenales que el Simoun arrastra
Yo te comprendo.

Pláceme verte en la floresta umbrosa
Entre las galas, que el Abril aumenta,
O cuando Ceres la dorada espiga
Próvida ostenta.

Quiero gozarte en silenciosa noche
Junto á la orilla de apacible lago,
Cuando la Luna su fulgor le envía,
Timido y vago.

Quiere sentirte en la elevada roca
Donde las ondas con terrible estruendo
Llegan y huyen, sin cesar al mundo
«Dios» repitiendo.

Libre á tu amparo, Soledad querida,
Se alza allí el alma á la celeste cumbre;
Tal vez un punto la del cielo goza
Vivida lumbre.

Pueda yo siempre, si en mi afán te invoco,
Plácida hallarte á mi constante anhelo;
Logre, cual hora, por tu grato influjo
Dulce consuelo.

D. José Lamarque de Novoa.

ALLA SOLITUDINE

Vergin del bosco, Solitudin cara,
Alma sollievo di chi in doglia plora;
Quanto il mio core, che l'affanno opprime,
Quanto t'adora!

Tu sol fra i crucci della triste vita
Infondi tosto venturosa calma;
E nel deserto del dolor umano
Tu sei la palma.

Tu il genio avvolgi in misterioso cerchio,
Ali gli impresti per levarsi a volo;
Per te esso vede di bellezza un mondo,
Pensa al Ciel solo.

Oh! quante volte in mezzo a grandi angustie
Triste la fronte all'afflizion piegava,
E nel mistero di tranquilla notte
Io ti cercava!

Quante invau ti chiamai col core anelo,
Ora da sconoscenza ria piagato,
Or lamentando la perpetua assenza
D'un ente amato!

Non in ascosa, funeral caverna,
Non in sirti di golfo oscuro, orrendo,
Nè fra le arene che il Simoun trasporta
Io ti comprendo.

Amo cercarti nella selva umbrosa,
O quando in gala Aprile si presenta,
O Cerere la bionda e gonfia spiga
Provvida ostenta.

Voglio goderti in silenciosa notte,
Presso la sponda di grazioso lago,
Quando la Luna il suo fulgor gli invia,
Timido e vago.

Sentirti io vo' nella elevata rupe
Dove giunge bensì ma fugge il flutto,
«Dio» rimembrando, senza posa mai,
Al mondo tutto.

Per tua mercede, o Solitudin grata,
Qui vola l'alma alla celeste sfera;
Forse dal Ciel le viene allora un raggio
Di luce vera.

Deh! possa io sempre, se nel duol t'invoco,
Trovarti a soddisfare il mio desio;
E sii tu ognor, como lo sei in quest'ora,
Conforto mio.

Tradotto da Prospero Peragallo.

aconteceria, entregar a sua reputação ao pasto das más linguas, deixar-se levar sem ver seus paes e irmã, a irmã mais nova, que ella ajudára a crear e a quem tanto queria — isso seria um crime, uma grande culpa, um desvergonhamento.

E, dando um violento empuxão, conseguiu libertar-se, transpôr a cancela, e fugir em direção ao povoado.

N'isto ouviu-se, no acampamento, formado ao longe sôb a ramada dos grandes carvalhos, o toque de reunir.

— Agarrem-na, e tragam-m'a — gritou o capitão — más com o respeito devido a uma dâma, que está sôb a minha proteção. Perceberam?

— Sim, meu capitão.

— Ai d'aquêlle, que, sem necessidade, lhe tocar n'um só dos seus cabêllos!

E correndo para um grupo, que formavam um alferes e dois sargentos, indagou apressadamente, sem boa consciencia do que fazia, se a aguada se fizera, e se a aldêia fornecêra alguns viveres.

Ao obtêr boas e afirmativas declarações, mandou ao alferes que desfizesse o cêrco, e voltasse com a gente para o acampamento, onde ia realizar-se o almôço.

E feito isto em mênos tempo que o preciso para se contar, o capitão Juvat retrogradou ofe-

gante, e viu, com grande aprazimento seu, que os dois soldados lhe traziam Luiza, más d'esta vez, como verificou mais de perto, sem dar acôrdo de si... desmaiada.

— Que é isto, Martinau? — gritou elle, alvo-çoado, de punhos cerrados, crescendo para o grupo.

— Desmaiou meu capitão — respondeu o camarada, rubicundo, comprometido, más com tôda a firmêza — Desmaiou... não é nada; mal que lhe tocamos... desmaiou.

Os dois homens haviam dado as mãos, fazendo cadeira dos braços direitos e recôsto dos esquêr-dos; e d'este modo conduziam a desmaiada.

A situação era deveras embaraçosa.

Desfeito o cêrco, a gente da povoação começaria a afoutar-se, e a enxamear pelos arredores, podendo surprehendêr aquella scêna, que daria origem a graves consequências.

Terminado o almôço, as tropas seguiriam o seu caminho, e Juvat teria que partir com ellas inevitavelmente.

Partir! E aquella mulher? ... mulher não, que ella, sôb a sua rústica apparencia era a viva imagem de uma divindade. Sim... e ella?

Deixal-a... e partir... era impossível, a mênos que lhe não tirassem a vida; leval-a consigo

e contra vontade... á fôrça... tornava-se quasi impraticavel.

E Juvat, levando as mãos á cabeça freneticamente, ficou se por momentos a reflectir.

A indecisão foi passageira.

Olhando para o meio declive da ladeira, que descia do lugar do acampamento, apontando para um tufo de carvalhos rasteiros, que poderiam oferecêr facil esconderijo, disse, virando-se para o grupo:

— Levem-na para acolá, seguindo a meio da ladeira, por baixo d'aquella parêde divisória, de modo que não possam sêr vistos pela nossa gente; escondam-se, escondam-n'a, e esperem-me.

— Más... meu capitão... se dá licença...

— Dize.

— Assim... sem sentidos!

— Pôis que se ha-de fazer? Não tenho cabeça para deliberar. Que queres tu? Vamos... levem-na... despachem-se!

E deitou a corrêr para o acampamento, onde a sua falta começava a sêr notada.

Chegado ahí, dirigiu-se ao commandante, pediu dispensa do almôço e permissão para uma ausencia de meia hora, quando muito.

— Bravo, capitão! Temos campanha nos arraiaes femininos? — chasqueou o commandante, rindo — Cautela, homem. Olhe que as mulheres do sitio devem sêr bravias como bêstas-feras.

— Nada do que supõe, general. Um pagamento de viveres a ultimar é que...

— Bom! bom! Está servido.

— Muito obrigado, commandante.

E Juvat, dirigindo-se a uma das mulas bagageiras, remexeu n'um volume, que lhe pertencia, fêz-se embrulho de objectos, que tirou, e fôz-se em direção ao povoado, para desnoitear a curiosidade do general.

Em poucos minutos, ajoelhava aos pés de Luiza, que, pelos cuidados de Martinau, voltara a si, com grande regosijo d'este, que tivera a lembrança de lhe banhar a testa e as fontes, ligeiramente, com agua limpida de um regato próximo.

Emquanto o camarada do capitão se devotava a este proficuo serviço, o lingua, amparando a desmaiada, mirava-a, e remirava-a, resmoneando:

— Uma dâma... isto! Hum! Só se anda a viajar incôgnita, como me dizem que grandes senhôras costumam fazer. Sapatos grossos de côiro branco, meias grossas de lã de ovêlha, saia de chita azulada, corpête de saragôça prêta, avental de tear rústico, muito rajado de tintas de côres, arrecadas abertas... nas orelhas... Hum!...

Uma dâma isto! Que dizes tu, ó Martinau?

— Eu digo que não sejas abelhudo, se tens amor ao espinhaço.

— Sim, más cá um homem...

— Vê, e cala se. Ora esta! Porque não ha-de sêr uma dama incôgnita, ou que diabo é? Olha-me p'ra essa cara.

— Com seiscentos... arcabuzes... lá bonita... isso... é-o a valêr.

— Parece uma *umage*.

— Tem bem bom olho o capitão. Olha, Martinau... Lá volta a si!...

— Onde estou eu? — balbuciou a rapâriga, passando as mãos pela testa.

— Longe, muito longe da sua terra, más protegida por aquelle grande senhôr, que lhe quer muito, que a vae tornar rainha — fêz-lhe comprehendêr no seu portuguez bárbaro o lingua, que a amparava.

— Ai, meu Deus! meu Deus! — suspirou ella. E os seus olhares circumvagaram em tôdas as direções.

— É mentira! Não estou longe; bem conhêço o sitio, que é o Carrascal... Ora se conheço...

— Pôis seja como fôr. O que sei é que vae sêr muito feliz. Tomaram tôdas as môças da sua terra a têr sorte equal. Que inveja, com que ellas veriam a sua ventura, minha menina. Se visse como o capitão chorou ha bocado!...

— Elle é capitão?

— Capitão... e e... muito mais.

— E chorou?

— Lá isso chorou, quando a viu desmaiada. O meu companheiro que diga... E olhe que até, de afflicto, dava cada murro na cabeça!

Martinau estava pasmado da lábia e do chorri-lho de mentiras, architectadas pelo camarada.

N'isto chegava o capitão.

D'esta vez Luiza, vendo aquelle galhardo man-cêbo de joêlhos na terra dura, ofegante de comoção e carinho, a pedir-lhe, por intermedio do lingua, que acreditasse na sua sinceridade, e que se deixasse levar, porque elle já não podia passar sem a sua companhia, cravou n'elle os seus formosissimos olhos negros, fatidicamente debruados de pestanas espessas e sedosas, e ficou-se sem dizêr palavra, á torcêr entre os dêdos a

VISITA DE SUAS Magestades AO ALGARVE



MONCHIQUE — AS CALDAS

(Copia de photographia)

ponta do avental, que momentos depois começou a derriçar.

Ótimo symptoma este em raparigas do campo! bello signal de acquiescencia ou de benévola esperanza... o derriçamento do avental ou da ponta do lenço... ação tanto de vér, entre o pudor e o acanhamento, em pessoas ingénuas, ainda não corrompidas pelos atritos da civilisação!

— E não me fazem mal? — perguntou Luiza, com a maior simplicidade dos seus 18 annos incompletos.

— Mal? O' menina... mal? Se o sr. capitão lhe quer mais que a vida... como é que...

— Mas... vocemecês são francezes.

— Lá isso que tem? Então não nos parecemos com os portuguezes?

«Temos cara e corpo diferentes?»

— Sim... elle é verdade que...

«Lá parecerem-se... isso parecem?»

— Veja... olhe para o sr. capitão, que está doido pela menina? Veja... até os olhos se lhe riem!

— Mas... eu não o entendo.

— Brevemente o entenderá, deixe estar. Lá por isso...

— E para onde me levam?

Não era preciso mais! Esta pergunta denunciava que a partida estava ganha.

— Vae ao povoado — acudiu immediatamente o capitão ao lingua, vendo que o tempo era precioso — toma lá dinheiro e compra-me uma almária qualquer, que possa conduzir a Coimbra esta menina, que ha de partir, por caminho diverso, antes de nós.

— E quem ha de acompanhá-la?

— Tu e o Martinau.

— Mas, capitão, eu não sei o caminho, e, como lingua, não poderei separar-me das tropas.

— Tens razão; não me lembrava. E agora? sim porque...

E quedou-se, a pensar na dificuldade.

— Uma idéa, meu capitão — falb'a Martinau — se dá licença.

— Qual é? Dize... depressa.

— Esse pedreiro portuguez, que nos segue, pode acompanhar-me...

— Lembrás-bem. Vae-te — ordenou Juvat novamente ao guia — traze-me uma cavalgadura, um macho, um burro, seja o que for, mas recomendo que ninguem te siga, porque... porque...

Dirás o que quizeres, com tanto que se respeite esta ordem, porque se dão com a rapariga...

— Entendo, entendo, meu capitão.

E o guia retrocedeu, a correr.

— Agora, Martinau: aqui tem este embrulho, onde está um fato á paisana, vae para traz d'aquelle matagal, e troca-o pela farda.

O fiel camarada correu a mudar de roupa, e o ditoso official, falando por acionados, conseguiu descortinar um sorriso nos lábios carminados de Lucia, cuja mão direita levou respeitosa e aos lábios, como se o fizera a uma joven distincta, no palácio senhorial dos seus antepassados.

A camponesa acabou de capacitar-se de que estava destinada para desencantar aquella, um grão-senhôr, que por signal fazia coisas diferentes de todos os homens.

Ella, afora a paes e padrinhos, nunca vira beijar a mão de ninguém, a não ser a dos santos.

Ora o mançêbo francez, pondo muitas vezes a mão no peito, como ella também nunca vira faser a outro homem, ajoelhando-se-lhe aos pés, e beijando-lhe as mãos, obedecia com certeza a fadário, porque a tomava por uma santa, quando não passava de uma pobre rapariga de aldeia.

O quebramento do encanto estava perto.

Provavelmente todas as coisas, que o rapaz fazia, eram as últimas experiencias para lhe conquistar o agrado e... desencantar-se.

E, conquistado este agrado, quebrado estava o encantamento.

Que aconteceria depois?

Apesar de muito envergonhado, entrou a sorrir-se ao de leve, entre alegre e pesaroso, e sentiu que aquella figura lhe atraia o pensar e o gosto; mau grado seu.

E não seria ella, por seu turno, uma princesa encantadora? e aquelle rei tão moço e galhardo não teria vindo de longes terras, por arte mágica, á busca-la?

(Continúa) Sanches de Frias.



Recebemos e agradecemos:

A Nação — Anno LI — 15 de setembro de 1897 — N.º 12.490.

Com este seu numero, impresso em papel especial, e illustrado, entrou o venerando periodico legitimista no 51.º anno de publicação. E' este jornal, pois, o decano da imprensa portugueza, no continente do reino. Decano a todos os respeitos: o mais velho e o mais experimentado nas pugnas politicas, o mais coherente nas lides litterarias, o mais respeitado e digno d'esse respeito.

Nenhum periodico no nosso paiz tem sabido

manter melhor a sua linha de conducta. Uma vez traçada ella, não permitiam o animo e o caracter interregim dos seus redactores as tergiversações que assoberbam ao nosso meio. Com justa satisfação, pois, saudamos o nosso estimado collega na imprensa diaria.

Tributo de saudade que, á memoria do seu dedicado amigo dr. Francisco Antonio Rodrigues de Azevedo, paga o visconde de Taveiro.

O motivo d'esta publicação é altamente honroso para o illustre extinto e extremamente ennobecedor para quem a faz.

«Não pretendo — explica o sr. visconde de Taveiro — traçar a biographia do amigo extinto; para isso faltam-me os recursos necessarios, e tal empenho e por tal sujeito merecia ser executado por quem estivesse á altura do biographado. Desejo apenas consignar bem explicitamente o profundo sentimento indelevel que me acompanhará no pouco tempo que me restar de vida.

«Pareceu-me que seria agradável aos que foram admiradores do conselheiro dr. Francisco Antonio Rodrigues de Azevedo, e, por ventura, aos reconhecidos aos seus favores, o possuirem colligidos a par do seu retrato os artigos que a imprensa periodica escreveu depois do seu fallecimento, e ainda alguns dos seus sermões que tinham visto a luz da publicidade, bem como as cartas que a tal respeito lhe foram dirigidas pelo insigne beneficiado e glorioso ornamento do pulpito portuguez. Francisco Raphael da Silveira Manlhão.»

E desempenhou-se notavelmente o sr. visconde de Taveiro de tão nobilissimo commettimento, dedicando á extremosa familia do illustre lente da Universidade, aos seus parentes, amigos e respeitadores, o trabalho que, como preito de viva saudade, ora nos offereceu.

No nosso numero de 10 de fevereiro do anno corrente, prestando a devida homenagem, publicamos o retrato e uns traços biographicos do dr. Rodrigues de Azevedo, os quaes também na publicação sujeita veem transcriptos.

Revista Unión Ibero Americana — Año XII — Numeros 140 a 143 — 8 mayo a 8 agosto 1897. — Madrid.

Entre os artigos mais interessantes insertos n'estes numeros da antiga revista madrilena distinguimos os seguintes:

Estudios hellenicos em Hespanha por Julian Apraiz, *Poetas Americanos* por F. Navarro y Ledesma, *As bellas artes em Sevilha* por J. Cascales y Muñoz, *Legislacion del Brasil*, por Fernando de Antão, *Espana y America en la produccion y en el comercio* por Becerro de Bengoa, etc.

Todos os mais artigos são á altura da publicação e offerecem interesse a quem quizer conhecer a estatística e as finanças hespanholas.

Almanach illustrado do «Occidente»

Para 1898

Entrou no prélo este esplendido annuario para 1898 e recebem-se annuncios até o fim d'este mez. Desde já se recebem encomendas na EMPREZA DO «OCCIDENTE» — LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA

LIVROS PARA RIR

O NARIZ DO TABELLIÃO

Por E. ABOUT

Traducção de Pin-Sél

Um vol. illustrado com uma linda capa a côres

PREÇO 200 RÉIS, PELO CORREIO 220

Pedidos á Empresa do Occidente, largo do Poço Novo — Lisboa.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39